

Revista **Cidadania & Meio Ambiente**

CAMINHANDO JUNTO COM A SOCIEDADE



CARROS

MOBILIDADE AMEAÇADA
PELO EXCESSO DE VEÍCULOS

ESPAÑA

CRISE ECONÔMICA LEVA
POPULAÇÃO À POBREZA

SEXO

PESQUISA MOSTRA QUE
JOVENS TÊM PRECONCEITOS

OVERSHOOT ECOLÓGICO

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR NISSO? TALVEZ NÃO ESTEJA LIGANDO O NOME À AÇÃO... MAS TODAS AS VEZES EM QUE NÃO LIGOU PARA O DESPERDÍCIO DOS RECURSOS DA NATUREZA, MOVIDO PELO DESEJO MATERIAIS, ESTAVA COLOCANDO EM PRÁTICA ESSE CONCEITO. É PRECISO MUDAR DE ATITUDE OU O PLANETA PODE ESTAR PERDIDO...

DIREITOS

NATUREZA TAMBÉM TEM
OS SEUS. RESPEITE!

AMAZÔNIA

PEQUENO PRODUTOR USA MAL
AS MÁQUINAS AGRÍCOLAS





6

Overshoot ecológico

Na busca do progresso, a humanidade coloca em primeiro plano a satisfação desenfreada pelos desejos materiais. Mas esquece que, assim, está esgotando os recursos naturais da Terra.

9

Entrevista

O francês Serge Latouche, professor de economia da Universidade Paris-Sul, fala sobre a teoria do 'decrecimento', que condena o crescimento pelo crescimento e a sociedade de consumo.

10

O que os jovens sabem sobre sexo

Uma pesquisa feita com pessoas entre 18 e 29 anos revelou que ainda há muito preconceito e ideias equivocadas sobre relacionamento sexual. E isso pode trazer problemas de saúde pública.

14

O Estado laico

No governo, cresce a bancada religiosa. E isso tem levantado discussões entre políticos e pesquisadores, preocupados com o crescimento de censuras que possam prejudicar o campo da saúde.

16

Carros demais

Há um número excessivo de veículos nas ruas, trazendo problemas para a mobilidade e para o bem-estar das pessoas. É preciso reverter esse quadro e apostar nos transportes coletivos.

22

A retomada da terra

Os pequenos produtores rurais são a ponta mais fraca do processo capitalista. Para eles, sobra sempre muito pouco. É preciso valorizar esses trabalhadores e melhorar suas condições.

De acordo com a pesquisa publicada na página 10, 75% dos jovens acreditam que a educação sexual não deva ser ensinada em casa. Mas a conversa com os pais é fundamental.

24

Gorduras

Elas são essenciais para o organismo. Mas, se o seu consumo é excessivo, pode levar a diversas doenças. É preciso entender o mecanismo desses macronutrientes para não correr riscos.

28

Quanta pobreza

Uma jornalista espanhola conta sobre a terrível situação econômica em seu país atualmente. As pessoas estão perdendo seus empregos, suas moradias, suas dignidades. E a tendência é piorar.

29

Sustentabilidade muito além

As políticas devem ser focadas não só no desenvolvimento humano, mas também na preservação da qualidade de vida do planeta. Ou seja, com equilíbrio social, econômico, político e ambiental.

30

Direitos humanos e da natureza

De nada adianta proteger apenas os homens, deixando de lado os cuidados ambientais. Afinal, todos nós precisamos da biodiversidade para que haja vida no planeta. Equilíbrio é fundamental.

32

Mecanização agrícola

Na Amazônia, diversos pequenos agricultores familiares não estão fazendo uso eficiente de máquinas para ajuda-los em suas produções. Mas há, também, exemplos de sucesso no campo.



STOCK IMAGES

EDITORIAL

Caros Amigos,

Atitude e consciência não são assuntos diretamente socioambientais, mas relacionam-se com nossos projetos, quer sejam ambientais, sociais ou culturais. Nos últimos anos, as empresas estão concentrando suas verbas de apoio, publicidade e patrocínio em projetos que tenham como foco os vips, os famosos e as celebridades. Argumentam que isso oferece maior retorno de mídia.

Mas até que ponto somos corresponsáveis por essa situação? Explico melhor – não estaremos falhando ao não propor e incentivar que as pessoas tenham a compreensão de que sua opção pela aquisição de serviços ambientais, sociais e culturais pode ser, no longo prazo, alienante e insustentável?

Esse crescente processo de comunicação alienante está nos conduzindo a um gueto cada vez menor. Suportaremos a asfixia? Não tenho a resposta e acho que ninguém tem.

No entanto, acho que estamos falhando em nossos compromissos, ao não incluímos o desenvolvimento de uma consciência crítica da realidade no conceito de desenvolvimento sustentável. A tal "nova ética" da qual tanto falamos também deve incluir o acesso e a escolha da informação que queremos e precisamos.

Os veículos de comunicação socioambiental sobrevivem com dificuldade porque é uma luta conquistar leitores pagantes ou assinantes e, por consequência, contar com o apoio de anunciantes.

A realidade está demonstrando que muitas pessoas estão optando pela alienação e nós não estamos colocando isso em discussão. Mas é importante lembrar que alienação e consciência não andam juntas.

Se formos sinceros, perceberemos que o problema não está na alienação de programas e matérias, mas na opção dos leitores e telespectadores.

Precisamos analisar e compreender o porquê disso e a quem serve essa atitude *voyeur* e descompromissada.

A sociedade precisa ter acesso à informação – toda e qualquer informação. As pessoas, diante das informações disponíveis, devem optar por qual conteúdo querem. Em certa medida, esse é, simplificada, o conceito essencial da democratização da informação. E, exatamente em respeito ao direito de informação, a mídia de consciência deve esforçar-se por sobreviver e demonstrar à sociedade que nossa existência cumpre um relevante papel social.

De certa forma, sentimo-nos culpados porque somos chatos. Nós falamos de ética, cidadania, saúde, paternidade responsável, consumo consciente e responsável, limites, etc. Afinal, é muito mais divertido ler sobre quem está "pegando" quem ou quem está "brilhando".

E, se isso for verdade, é nossa responsabilidade assumir um papel mais ativo no processo, valorizando a educação (com "e" maiúsculo) e motivando os leitores e telespectadores para uma compreensão mais crítica da realidade. Se formos extintos, que seja por decisão consciente da sociedade e não porque as corporações nos consideram desnecessários e "aborrecidos" e, por isso, não possuem qualquer real compromisso em apoiar, incentivar e patrocinar a democratização da informação.

O leitor tem direito a optar pela informação descompromissada, mas nós não temos direito à omissão.

Boa leitura!

Henrique Cortez

Editor

câmara
de
cultura

A REVISTA CIDADANIA & MEIO AMBIENTE
É UMA PUBLICAÇÃO DA CÂMARA DE CULTURA
EM PARCERIA COM A CORTEZ CONSULTORIA,

ASSESSORIA E REPRESENTAÇÕES

CNPJ Nº 56.798.390/0001-41
Telefax Rio de Janeiro (21) 2487-4128
Telefax Mangaratiba (21) 2780-2055
Celulares (21) 98197-6313 / 98549-1269
cultura@camaradecultura.org
www.camaradecultura.org

REPRESENTANTE COMERCIAL - BRASÍLIA

Armazem Eventos e Publicidade
PABX (61) 3034 8677
atendimento@armazemeventos.com.br

Cidadania & Meio Ambiente

DIRETORA EXECUTIVA: Regina Lima

regina@camaradecultura.org

DIRETORA ADJUNTA: Marta Souza Lima

marta@camaradecultura.org

EDITOR: Henrique Cortez

henrique@camaradecultura.org

SUBEDITORA: Ana Lúcia Prôa

anaproa@camaradecultura.org

EDITOR DE ARTE: Sidney Ferreira

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: Achim Steiner, Amanda Rossi Mascaró, BBC Brasil, Chris Bueno, Cintia Moreira Marçiliano da Costa, Clarissa Neher, ComCiência, Damian Carrington Blog, Daniela Chiaretti, Eduardo Mendonça, Grida-Arendal, IHU On-Line, Ivo Lesbaupin, Leandra de Mattos Spezzano, Manuela Carneiro da Cunha, Marcus Eduardo de Oliveira, Moisés de Souza Modesto Júnior, Nádia Pontes



Visite o portal EcoDebate

www.ecodebate.com.br

Uma ferramenta de incentivo ao conhecimento e à reflexão através de notícias, informações, artigos de opinião e artigos técnicos, sempre discutindo cidadania e meio ambiente, de forma transversal e analítica. Cidadania & Meio Ambiente também pode ser lida e/ou baixada em pdf no portal www.ecodebate.com.br

A Revista *Cidadania & Meio Ambiente* não se responsabiliza pelos conceitos e opiniões emitidos em matérias artigos assinados.

Editada e impressa no Brasil.

CAPA:
Stock Images

A Revista *Cidadania & Meio Ambiente* também pode ser lida e/ou baixada em pdf nos portais www.camaradecultura.org e www.ecodebate.com.br

AMAZÔNIA

ERROS E ACERTOS NA MECANIZAÇÃO AGRÍCOLA

Como anda o desenvolvimento produtivo dos pequenos agricultores familiares nessa região do Brasil? Será que estão tendo acesso eficiente a máquinas que os ajudam em suas colheitas? Conheça aqui algumas histórias de sucessos e insucessos nessa área.

POR Raimundo Nonato Brabo Alves

A propósito da mecanização agrícola e da agricultura familiar na Amazônia, há uma tendência – mesmo dos agricultores assentados – de se imitar a agropecuária de grande escala, tanto na pecuarização quanto na mecanização. Ambas as tendências acabam resultando na insustentabilidade dos sistemas de exploração.

Existe um verdadeiro mito de que só com motomecanização a agricultura familiar na Amazônia pode se emancipar. Mas me proponho a discutir, neste artigo, duas situações da realidade na região que passarei a descrever: a *mecanização com dependência* e a *mecanização com autonomia*.

MECANIZAÇÃO COM DEPENDÊNCIA

A primeira experiência presenciada de mecanização com dependência foi no período de 1980 a 1990. Com a implantação dos programas de desenvolvimento dessas décadas, como o Polo Amazônia, e com a abundância de recursos financeiros em quase todos os estados da região, foram criadas ‘companhias de desenvolvimento’ cujo objetivo principal era prestar serviços de mecanização subsidiada com prioridade para os pequenos agricultores familiares.

No Amapá, teve a Codeasa e nos demais estados, as Codeagros, algumas sendo desativadas ou replanejadas

em seus objetivos. Havia recursos para aquisição de máquinas e implementos, mas faltavam peças de reposição para a manutenção e aquisição. A Codeasa foi desativada no final da década de 1990. De 1991 a 1994, coordenei um programa de produção de sementes para o estado, cujos implementos da patrulha mecanizada foram todos reaproveitados das ‘sucatas’ da Codeasa, incluindo uma unidade de beneficiamento de sementes (UBS) que nunca havia funcionado.

Um exemplo que me marcou do desperdício de recursos públicos foi a recuperação de uma trilhadeira que estava abandonada e exposta às intempé-

ries da chuva. Para operá-la, foi necessário apenas a compra de uma correia, que custou, à época, R\$ 80. O fato é que os agricultores familiares foram os que menos se beneficiaram com os investimentos feitos nessas companhias.

PATRULHAS MECANIZADAS

A experiência mais recentemente vivenciada veio a partir da virada do século, mas ainda é prática atualmente em quase toda a Amazônia. Conselhos municipais pressionaram prefeituras que, por sua vez, pressionaram governos estaduais a investir em patrulhas mecanizadas para apoiar a agricultura familiar. Investimentos pesados em máquinas e implementos não adequados à escala ou ao tamanho das lavouras da pequena agricultura foram feitos por governos estaduais e chegaram às prefeituras municipais.

No sudeste paraense, presenciei um fato inusitado. Como as prefeituras anualmente organizavam um cronogra-



FOTOS: STOCK IMAGES

ma de preparo de áreas mecanizadas aos agricultores familiares, consegui convencer um prefeito daquela região que o programa poderia ser fortalecido com o financiamento de patrulhas de mecanização à tração animal. Assim, com a autonomia dos agricultores capacitados na tração animal, o efeito multiplicador da patrulha municipal seria maior com o apoio a novos agricultores a cada ano.

O prefeito comprou um kit de tração animal e lançaria o programa em um dia de campo, com a presença do governador da época. Na véspera do evento, em uma reunião de planejamento, o então secretário de estado de agricultura recomendou ao prefeito

que desistisse da ideia porque a política do governador era pela motomecanização. Seis meses depois, a prefeitura em que atuávamos em parceria recebeu sua patrulha mecanizada, cujo exemplo de inadequação incluía uma plantadora de plantio direto de seis linhas, para semear lavouras com tamanho médio de um hectare.

FALTA DE CONHECIMENTO

Outro exemplo negativo de dependência é o despreparo de operadores das prefeituras que não conhecem o básico de uma mecanização agrícola, como a velocidade adequada do trator para cada operação ou a umidade ideal do solo para iniciar uma gradagem. Re-



sultado: áreas mal preparadas, sujeitas à erosão do solo. No Baixo Tocantins, no estado do Pará, presenciei um absurdo: um agricultor principiante no preparo de área e plantio de 80 hectares para mandioca, em pleno período de estiagem, com a umidade do solo totalmente imprópria para um preparo sem pulverização, inadequado para a aplicação de herbicida e para a germinação da cultura. Recomendei a paralisação imediata das operações. O produtor respondeu dizendo que, se perdesse naquele momento a oportunidade de usar o trator da prefeitura, não mais teria como plantar sua lavoura. Dessa forma, seu prejuízo seria de mais de R\$ 120 mil.

Outro erro rotineiro dessas patrulhas é a utilização indiscriminada de grade aradora, formando o 'pé de grade' e promovendo encharcamento do solo

na época das chuvas, prejudicando lavouras – principalmente de mandioca –, com ocorrência da podridão radicular. Em outra prefeitura do Baixo Tocantins, a patrulha estava há meses ao relento, pela falta de um galpão para estacionar. Não havia sequer tratoristas para operá-la. Ressalta-se que uma minoria dos agricultores é atendida por essas limitadas ações de mecanização agrícola. Na maioria desses municípios, a aplicação resultante dessas patrulhas é, segundo depoimento dos próprios agricultores familiares, a coleta de lixo domiciliar na sede do município.

Algumas dessas patrulhas motomecanizadas hoje são repassadas diretamente aos agricultores em associações. Em outro município do Baixo Tocantins, presenciei um racha na associação quando seu presidente recebeu a patrulha mecanizada. Essa patrulha quase

não atendeu aos agricultores porque o trator de rodas quebrou o eixo em poucos dias, em uma tentativa tresloucada de destocar um tronco de castanheira por ação de um operador despreparado. A patrulha não operou, pois a associação não dispunha de R\$ 4 mil para repor o eixo quebrado. Com raríssimas exceções, essas patrulhas são abandonadas por falta de recursos dos agricultores para manutenção e compra de peças de reposição.

MECANIZAÇÃO COM AUTONOMIA

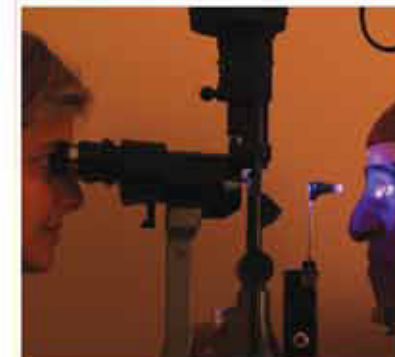
Porém, inúmeros exemplos de mecanização agrícola com autonomia podem ser relatados na Amazônia. Mesmo porque os agricultores, em parte, não deixam de ter razão quando pressionam a demanda por mecanização, considerando a escassez crescente de terra e mão de obra na região. Um bom exemplo é dos mandiocultores do nordeste paraense, que estão financiando tratores e implementos adequados à escala de suas lavouras de, em média, 25 hectares. Além de suas operações, eles terceirizam serviços para os mandiocultores vizinhos.

Outro exemplo de mecanização com autonomia é relatado pelos horticultores que financiam microtratores adequados à escala de suas atividades. Já os agricultores do município de Tracuateua não abrem mão da tração animal associada à fertilização do solo com esterco de curral – processo denominado de parcagem – para cultivo de mandioca e feijão. Os exemplos de sucesso da mecanização com autonomia, que tenho presenciado nesses 35 anos de agronomia na Amazônia, são de agricultores que financiam tratores e implementos adequados à escala ou ao tamanho de suas lavouras e que têm pleno domínio de suas operações. 🌱

RAIMUNDO NONATO BRABO ALVES é pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental.



STOCK IMAGES



**CLÍNICA
SÃO CLEMENTE**
CENTRO DE SAÚDE E BEM-ESTAR

Consultas Médicas
Pronto Atendimento
Odontologia
Fisioterapia
Nutrição
Psicologia
Medicina do trabalho
Convênios e Particulares

R. BARÃO DE LUCENA, 81. BOTAFOGO
TELS: 2286 4600 - 2286 3421 - 2246-3118

